

## Aborto inseguro no país

# Treze em cada cem mulheres morrem por ano depois de consumirem raízes amargas e outras substâncias

Maputo (Canalmoz) – Treze em cada cem mulheres que realizam aborto inseguro morrem, por ano, em Moçambique, depois de consumirem raízes amargas, café misturado com sal ou limão, detergente,

vinagre, tinta de caneta vermelha, “Coca-Cola” misturada com sal, paracetamol, cabeça de palito de fósforo.

Segundo um estudo sobre as “barreiras e facilitadores no acesso aos serviços de aborto seguro”, realizado

pela organização não-governamental “IPAS Saúde e Acesso Direito”, apresentado, na passada sexta-feira, em Maputo, o aborto inseguro no país continua a ser uma das principais causas de mortalidade materna.

Ivania Barrata, do IPAS, que centrou a pesquisa nas províncias mais populosas do país (Zambézia e Nampula), disse ao “Canalmoz” que as causas do aborto inseguro são várias, e as raparigas, não tendo conhecimento da existência de uma legislação sobre o aborto, acabam por optar por abortos inseguros na comunidade.

Ivania Barrata disse que o estudo apresentado trouxe resultados surpreendentes e que as raparigas ao nível das comunidades usam muito raízes amargas, café com sal e outras substâncias.

“Se as raparigas, as mulheres dentro das comunidades, tiverem o conhecimento da existência do aborto seguro, os números de óbitos por abortos inseguros pode vir a baixar. Como disse, o aborto representa tabus em muitas comunidades. Não é um tema fácil falar do aborto seguro, mas é necessário.”

### Aborto seguro não é promoção

Ivania Barrata afirmou: “O abor-

to é legal e há opções do aborto seguro nas unidades sanitárias. É preciso levar este tema às comunidades. É preciso sensibilizar e explicar às pessoas que não estamos a promover os abortos, promovemos sim o planeamento familiar”.

Explicou que, numa situação em que o planeamento familiar falhou e a gravidez é indesejada, ou em caso de incesto ou de violação, não se pode deixar que esta rapariga ou mulher, mesmo sem querer, continue com a gravidez.

“Se a mulher deseja que vai fazer aborto, independentemente das circunstâncias que abordámos anteriormente, a mulher vai procurar realizar aborto. Então, para que esta mulher não vá realizar aborto inseguro, abriu-se essa excepção na lei, para aderir a estes serviços de uma forma segura. Esta lei foi aprovada em 2014”, disse.

Em Dezembro de 2014, Moçambique aprovou legislação que permite o aborto induzido até 12 se-

manas de gravidez, até 16 semanas em caso de incesto e violação, 24 semanas em caso de anomalia fetais. e em qualquer momento para salvar a vida da mulher grávida. Em Setembro de 2017, o Ministério da Saúde aprovou directrizes clínicas e legais para implementar a nova legislação sobre o aborto.

Cerca de 25 milhões de abortos inseguros ocorrem em cada ano, causando 8% das mortes maternas em todo o mundo. Dados de Moçambique indicam que as complicações relacionadas com o aborto representam 11% a 18% das mortes maternas hospitalares entre as adolescentes no país. A prevalência de contracepção em Moçambique é baixa, com quase um quarto das mulheres em idade reprodutiva (15-49) anos com uma necessidade não satisfeita de contracepção, resultando em muitas gravidezes indesejadas.

O evento esteve subordinado ao tema “Mortalidade materna no contexto do inseguro”. (Cláudio Saúde)